

**O Discurso de Escolta: as notas e seus problemas (o exemplo da correspondência de Zola)<sup>1</sup>****Colette BECKER\***

**Resumo:** Este texto apresenta a tradução da comunicação de Colette Becker, professora emérita da Universidade de Paris X-Nanterre, feita no Colóquio Internacional “*Correspondances inédites: problèmes juridiques, techniques et administratifs posés par la conservation, la consultation et la publication des correspondances inédites* (1983)”. A pesquisadora integra a equipe que se devotou à publicação da volumosa correspondência do escritor naturalista francês Émile Zola, figura emblemática do engajamento intelectual e político moldado no final do século XIX. Publicada em 1989, a comunicação traz uma reflexão seminal para os estudos epistolográficos em sua missão de resgatar a memória de temporalidades complexas e longínquas o suficiente para abrigar opacidades, fonte de desafios e dilemas próprios à edição científica de correspondências. Neste texto, cuja reflexão se tornou referência na França e em outros países, a autora discute questões metodológicas essenciais acerca do procedimento de anotação, além de propor uma tipologia, critérios e limites para as informações que devem “escoltar” as cartas. Dada a originalidade e problematização aprofundada do tema, ainda incipiente em nosso país, torna-se indiscutível a relevância do trabalho ora disponibilizado por esta revista aos pesquisadores brasileiros.

**Palavras-chave:** Epistolografia. Edição de correspondência. Anotação de correspondência. Notas explicativas. Notas descritivas. Notas de erudição.

**The Escort Discourse : Notes and their problems (The Case of Émile Zola’s correspondence)**

**Abstract:** In this paper we present a translation of the communications of Colette Becker, Paris X-Nanterre University emeritus professor, made during the International Colloquium ‘*Correspondances inédites: problèmes juridiques, techniques et administratifs posés par la conservation, la consultation et la publication des correspondances inédites* (1983)’. The

---

\* N.T.: Colette Becker é professora emérita de literatura do século XIX na Universidade Paris-Ouest Nanterre. Eminente especialista de Émile Zola, editou grande parte da correspondência do escritor. O presente texto baseia-se em comunicação apresentada pela autora em colóquio organizado pelo Centro Zola do CNRS (*Centre National de Recherche Scientifique*) e Centro de Correspondências da Universidade de Paris IV. Publicado em FRANÇON, André ; GOYARD, Claude. *Les correspondances inédites*. Paris: Economica, 1984, p. 117-129.

researcher is member of a team that devoted themselves to the publication of the voluminous correspondence of the French naturalist writer Émile Zola, an emblematic personality of the intellectual and political engagement which was shaped in the late 19th century. Published in 1989, the material enables a seminal reflection on the study of epistolography in its mission to rescue the memory of complex and faraway temporalities sufficiently to shelter opacities, source of challenges and dilemmas typical of scientific correspondence. In this text, which became a reference work in France and other countries due to its reflections, the author discusses crucial methodological questioning of the annotation procedure, in addition to proposing a typology, criteria and limits on the information that must 'escort' the letters. Taking into consideration the originality and the inherent problematic nature of the subject, studies of which are still embryonic in Brazil, the relevance of the work now available to Brazilian researchers in this journal is unquestionable.

**Keywords:** Epistolography. Edition of correspondence. Annotation of correspondence. Explanatory notes. Descriptive notes. Notes of erudition.

Gostaria de colocar alguns dos problemas práticos com os quais nos deparamos ao preparar a edição da *Correspondance* de Zola, dizer-lhes como os solucionamos, pedir principalmente suas sugestões, saber qual teria sido a resposta daqueles que têm experiência como editores, saber o que, na qualidade de leitores, vocês esperam das notas, se é que esperam alguma coisa.

Começarei ressaltando dois fatos que condicionam nosso trabalho:

1º trabalhamos em equipe internacional e pluridisciplinar, composta por pesquisadores universitários e não-universitários, o que traz vantagens enormes bem como algumas dificuldades;

2º uma grande parte dos problemas que enfrentamos me parecem intrínsecos à edição da correspondência de Zola. Não são forçosamente os que o editor de outra correspondência encontra. Existem tipos de correspondências muito distintos e, dentro de uma mesma correspondência, tipos distintos de cartas. Para cada um desses tipos, provavelmente, caberá uma determinada espécie de nota. Decerto, os pesquisadores que elaboram notas enfrentam problemas idênticos. No entanto, parece-me difícil fazer uma teoria da anotação. Daí minhas hesitações ao longo desta comunicação: "as notas e seus problemas", porém tendo sempre em mente o exemplo de Zola e a perspectiva da edição de sua correspondência.

Toda edição crítica comporta duas espécies de notas: notas puramente descritivas e notas que chamarei de "explicativas". Não me demorarei sobre as primeiras que dão informações materiais descrevendo o manuscrito: tipo e cor do papel, filigrana, dimensões, rasgaduras, disposição das linhas na página, cor da tinta, rabiscos ou desenhos, correções,

acréscimos, etc., informações às quais se acrescentam, para uma edição de correspondência quando for possível, a descrição do envelope que continha a carta, a menção da proveniência do manuscrito e de suas publicações anteriores. Se eu não me detenho nessas notas, não é para minimizar sua importância, longe disso. Todas essas informações são absolutamente necessárias, até porque podem servir para solucionar problemas colocados por outros textos do mesmo autor. Lamento que a edição da correspondência de Zola não tenha possibilitado a apresentação material dos autógrafos que consultamos. Todavia, não falo das rasuras ou dos acréscimos, raros, nas cartas de Zola, mas sempre referidas ao longo das notas – lugar passível de discussão –, assim como são referidas as variantes, quando, por sorte, possuímos duas versões de uma mesma carta, um rascunho e a cópia enviada, por exemplo.

Podemos colocar nessa seção, já que visam também *a dar a ler*<sup>2</sup> o texto, a *restituí-lo*, as notas relativas ao estabelecimento de uma data ou da identidade de um destinatário, bem como as propostas de leituras novas na ausência da autografia: retificações de edições anteriores, correções de erros de impressão ou de leitura. Assim, na carta dirigida a [Jean-Baptiste] Baille em 24 de junho de 1860, em que a edição Fasquelle dava: “*L’un entrain le fer dont l’autre fera le mortier, où le troisième pilera le fer que vendra un quatrième*”; a palavra “*entrain*” era uma leitura evidentemente errônea para “*extrain*”. [Madeleine] Ambrière e [Louis] Le Guillou deram outros exemplos de leituras equivocadas.

Gostaria de me deter no segundo tipo de notas, por meio das quais o editor da correspondência, sem se limitar ao papel de *scriptor* (*empresto aqui, na esteira de Roland Barthes, as funções estabelecidas na Idade Média em relação ao livro*), torna-se *commentator*, quando não *auctor*<sup>3</sup>. Tais notas visam, segundo a expressão tradicional, “esclarecer” o texto e são as que colocam os problemas mais graves. Se para todos algumas notas parecem efetivamente necessárias – falo aqui de nossa experiência de trabalho em equipe – não acontece o mesmo em relação a outras. Quando um membro da equipe lê o trabalho preparado por outro membro, sempre surgem discussões relativas às notas a serem acrescentadas ou retiradas, abreviadas ou desenvolvidas.

É que o editor *escolhe* fazer tal ou tal nota, escolhe o rumo e o conteúdo da nota, e depois avalia a importância que lhe será atribuída, segundo critérios que permanecem sempre subjetivos e que por esse motivo são passíveis de toda sorte de críticas. Vários motivos interferem nessas escolhas e avaliações. Citarei apenas alguns. Primeiramente, a ideia que o pesquisador encarregado da anotação faz do público ao qual se dirige. É impossível não pensar nesse público que não é o mesmo, segundo os autores editados, as condições da edição, seu momento, etc., embora seja impossível para o crítico colocar-se no lugar do leitor, embora essa definição de leitor seja uma ilusão. Levar isso em conta motivou algumas notas da edição da *Correspondance* de Zola que se destina, por suas

condições de produção, tanto a leitores estrangeiros quanto a leitores franceses, mas, sobretudo, aos leitores de Zola, autor que, como se sabe, sempre atingiu e atinge ainda um público bem amplo, muito mais do que a “elite intelectual”. Confirmam-no algumas cartas que recebemos dos compradores do volume I. Não visamos apenas aos especialistas da literatura e de Zola. Atingimos outros leitores, pois Zola interessa um certo público para o qual ele representa alguma coisa. Ainda recentemente tivemos prova disso com o sucesso do lançamento por assinatura de um número especial dos *Cahiers Naturalistes* [*Cadernos Naturalistas*] dedicado a “Zola e a República”.

Uma outra motivação para a escolha das notas que redigirá é a ideia que o pesquisador tem sobre os textos a serem editados e, por conseguinte, sobre o modo como *deveriam* ser lidos, como *deveriam* inserir-se no conjunto dos textos da época e, mais precisamente, sobre a obra do autor que se está editando. Sua interpretação dessa obra é sempre determinante. Interferem aí seus interesses de pesquisa, seus outros trabalhos, sua formação, elementos que o levam a ler em certas perspectivas, por conseguinte, a desenvolver tal ou tal tipo de notas. Passamos sempre por essa experiência em nossa equipe.

Poderíamos ir mais longe. Digamos simplesmente que toda nota “explicativa” é sempre, em graus variados, interpretativa.

Essa constatação suscita várias questões. Elas valem para qualquer edição crítica, mas colocam-se de forma mais aguda quando se trata de uma edição de correspondência, por causa da natureza da carta e da relação do leitor de cartas com os textos que lê. Optar por ler uma correspondência não é optar por ler um romance ou um relato de viagem ou uma narrativa histórica ou qualquer outro texto. É uma evidência. Mas é preciso levar em consideração essa escolha, quando nos questionamos sobre o valor do “discurso de escolta” constituído pelas notas e, uma vez admitido esse valor, sobre a importância que esse discurso deve ter.

Esquemáticamente, duas escolas se enfrentam entre os editores de correspondência. Os partidários da primeira são categóricos. O essencial é e continua sendo o texto das cartas que se basta a si mesmo – ou quase. Só são realmente admitidas as notas “descritivas”. As notas “explicativas” devem ser reduzidas ao mínimo. É preciso se contentar com a identificação de um indivíduo, com a localização de um texto num jornal, com a explicação de alguns fatos indispensáveis caso não se encontrem nas obras de referência correntes. É “inútil, quando não absurdo informar o leitor sobre temas elementares”, ou seja, sobre tudo o que se pode encontrar nos “dicionários biográficos, de língua, nas obras de referência disponíveis em qualquer boa biblioteca”<sup>4</sup>.

Tais afirmações não deixam de levantar alguns problemas. O que significa “temas elementares”? Existe um leitor tipo? Todo leitor tem à sua disposição uma “boa” biblioteca?

É desejável que a leitura de correspondência se faça principalmente em bibliotecas? Não significa restringir esse tipo de leitura apenas aos especialistas de história ou de literatura? Não existe um outro leitor, dileitante, que se satisfaz com uma leitura empreendida e abandonada, de acordo com seu humor ou suas liberdades?

Para os partidários da outra escola – que defendo – as notas explicativas são necessárias. As posições variam no que diz respeito ao conteúdo e à importância a lhes ser atribuída. Até onde ir efetivamente? O perigo é esmagar o texto sob a informação e a interpretação, ser levado pelas descobertas que amiúde exigiram longas horas de pesquisa que ficamos felizes de publicar, de fazer, em suma, uma edição de notas, e não mais de cartas. Esta tentação é ainda mais forte quando, ao se tomar a decisão, perfeitamente legítima, de editar *todos* os textos encontrados, acabamos publicando bilhetes, fragmentos, cartas que podem parecer, inicialmente, de pouco ou quase nenhum interesse. Assim, o editor das cartas é tentado a encorpar, a apimentar sua edição com seu próprio saber – aliás, com razão. Como leitora de correspondência, às vezes acontece de eu me sentir mais atraída pelas notas do que pelos textos editados.

Para tentar responder a essas perguntas, vamos examinar com mais precisão o que se entende por “notas explicativas”, retornando brevemente, primeiro, ao status da carta e do leitor de correspondência.

Este último procura penetrar na intimidade de um homem – a curiosidade mais ou menos indiscreta é certamente uma das motivações –, mas ele procura penetrar ainda mais na intimidade de um meio, de uma época. Ele gosta de ver as pessoas vivendo. Essencialmente *curioso*, ele parte muito mais em busca de mentalidades do que de uma história ou de um prazer estético. Evidentemente, algumas cartas podem seduzir pela quantidade de escrita ou pelo conteúdo. Mas em paralelo, quantas outras só ganham relevo por iniciar o leitor nos segredos de um grupo social, de uma estratégia política ou literária, de um negócio! Mais do que o modo de dizer, o que atrai o leitor de correspondência, é o gesto, a resposta a uma situação, o jeito de fazer, o jeito de ser. Para esse leitor, cada palavra, cada detalhe, cada alusão conta, pois são ricos de aproximações, de sugestões, de pesquisas, de abordagens. É para essa iniciação que servem as “notas explicativas”, principalmente quando as cartas foram escritas há dezenas de anos. Tais notas auxiliam na leitura de textos que, em função da natureza da carta, traçam um diálogo que se mantém parcialmente desconhecido, restituem uma vivência alusiva e sincopada. Nesse sentido, conforme eu disse no início, a anotação das cartas de Zola levanta problemas que não surgem forçosamente em outra correspondência.

Já anotamos cerca de mil cartas, escritas entre 1858 e 1880. Neste conjunto, tendem a ser mais numerosos os textos curtos. O volume I contém cartas longas, trabalhadas, destinadas a serem lidas e comentadas pelo grupo de amigos que ficara em Aix-en-

Provence. Elas constituem uma espécie de diário de bordo intelectual que mascara a vivência cotidiana e suas dificuldades referentes às reflexões sobre a arte, a vida ou reminiscências passadas. Nesse sentido, não é catastrófico que a grande maioria das cartas daqueles a quem Zola então escrevia – Baille, Cézanne, Valabrègue um pouco mais tarde – nos seja desconhecida.

Assim, ao longo dos anos, encontramos cartas de reflexão crítica, quase sempre polêmicas, também bastante trabalhadas, por visarem à afirmação de ideias; destinam-se a um crítico que pode, imagina Zola, divulgar o conteúdo ao público, seja por meio de um jornal seja de um prefácio.

Porém, é cada vez maior o número de cartas breves, de uma página ou algumas linhas, cuja finalidade é a comunicação imediata, que aludem a um encontro, à solução de um problema de documentação, da montagem de uma estratégia, da publicidade de um livro, mensagens que fazem parte de um conjunto muito mais vasto de redes de amizades, de trabalho, de acontecimentos. Como a essas falta o grau de generalidade das cartas que mencionei primeiro, não podem ser lidas sem serem *integradas nesses conjuntos* e, por isso, colocam os problemas específicos que examinarei. As cartas mais breves apresentarão até mais problemas e muitas vezes exigirão mais pesquisas e notas, ao passo que as longas reflexões gerais podem demandar apenas algumas ou nenhuma nota. A extensão das notas não é proporcional à das cartas.

Existem várias categorias de notas “explicativas”. Talvez se pudesse dizer, com maior exatidão, que nas notas explicativas há diversos níveis que, por meio de abordagens sucessivas ou informações diversas, visam integrar a carta ao contexto, de forma ao mesmo tempo cada vez mais restrita e cada vez mais ampla, que têm por objetivo saturar o texto. Insisto neste ponto: para nós, a nota deve ser sempre *informativa* no sentido mais amplo, como o indica Bard Bakker na apresentação do primeiro volume<sup>5</sup>; ela prescinde de análises estéticas ou ideológicas do discurso: “Encontrar-se-ão poucos comentários críticos, análises ideológicas ou estéticas do discurso das cartas, mas principalmente informações biográficas, sobre a história dos textos, história política e social e história das ideias”.

O primeiro nível é de ordem linguística. Não se trata de dar o sentido do texto, mas de permitir sua leitura com a tradução de palavras que pertençam a dialetos ou línguas estrangeiras, com explicações de palavras ou expressões antigas nas quais o leitor pode tropeçar e nas quais tropeça, às vezes, o próprio pesquisador encarregado da anotação. Pelo fato de a carta visar primeiro à comunicação, logo à univocidade, o responsável pelas notas de uma correspondência, em geral, não corre o risco de congelar o sentido, risco presente na anotação de uma edição crítica de romance ou de poemas.

Colocarei dentro desta primeira categoria as referências mitológicas. As cartas da juventude de Zola, do Zola secundarista moldado na cultura clássica, estão salpicadas de

alusões do tipo: “*Seriam os pinheiros ondulantes ao sopro das brisas, seriam os desfiladeiros áridos, as rochas empilhadas umas sobre as outras, como Pelion em Ossa, seria esta natureza pitoresca da Provença o que nela me atrai?*” se pergunta ele, por exemplo, numa carta a Cézanne, em 14 de junho de 1858.

A pedido dos membros canadenses de nossa equipe, aportamos conhecimentos que não possuem necessariamente os leitores de cultura anglo-saxã, e mesmo uma parcela dos leitores franceses de Zola.

Permitam-me relatar uma experiência que fiz aqui, neste colóquio, em dois grupos de trabalhos dirigidos do primeiro ano da faculdade. Eu citava o texto no qual Montherlant, em *La Reine Morte*, compara o personagem Infante com Cassandra. No primeiro grupo, com 40 participantes, nenhuma resposta; no segundo, com 38, duas respostas: “Cassandra é um personagem de Ronsard”, “É uma profetisa” (resposta dada por um professor do ensino fundamental de 28 anos). Quase nada explicava a associação feita por Montherlant. Insisti na minha pesquisa pensando no tema desta comunicação: “Pelion”, “Ossa” não tiveram eco algum. [Uma das expressões] sobre as quais nos perguntamos se deveria ser feita uma nota [era]: “*Passez-moi la casse, je vous passerai le séné* [Dá-me a canafístula e dar-te-ei o sene]”<sup>6</sup>.

Não estou fazendo julgamento. Apenas constato o que *devemos* considerar: existem fatos de língua que passam despercebidos, até mesmo por nossos alunos de literatura francesa. Assim como existem *fatos de geração* não mais compreendidos pelas gerações seguintes.

O segundo nível de nota amplia a informação: trata-se de especificar a data e o local de publicação de uma obra ou de um artigo ao qual a carta faz referência; trata-se igualmente de dar, mais detalhadamente, esclarecimentos históricos ou geográficos, elementos biográficos relativos aos destinatários das cartas ou às pessoas citadas, informações sobre a família de Zola, bem como sobre a questão complicada da Sociedade do Canal de Aix-en-Provence, empresa montada pelo pai do romancista e que, durante anos, literalmente envenenou a vida de Zola e de sua mãe.

Nesse caso, como no que se refere ao sentido das palavras, pode-se deixar ao leitor desinformado a tarefa de se instruir. Mas será que ele o fará? Terá condição de fazê-lo? Não seria transformar a leitura de correspondência em corrida de obstáculos? As frequentes e sempre difíceis buscas no Vapereau<sup>7</sup>, no [dicionário] *Larousse du XIX<sup>e</sup> siècle*, nas enciclopédias, me parecem tão maçantes, desanimadoras e nefastas para a leitura quanto a proliferação, nas notas, das remissões sibilinas, de uma carta a outra, de um volume a outro.

Veja-se um único exemplo dessas dificuldades: é relativamente simples informar-se sobre a batalha de Solferino. Porém, [o que dizer] sobre o clima político que Zola evoca na

carta a Aléxis, em 26 de junho de 1877: *Hein? Meu pobre amigo, que balbúrdia política! Eis como se cretinizam os povos. Fico feliz de estar bem longe e trabalhar. E dizer que isso tudo recomeçará. Somos uma geração bastante infeliz?* Ou sobre seu receio de que fosse deflagrada uma guerra contra a Rússia, em maio de 1877, ou ainda sobre o temor que, mais tarde, lhe dava a certeza da proximidade de um conflito com a Alemanha e a uma reprise dos acontecimentos de 1870? Seria tão fácil assim compreender por que Zola, aluno do Liceu Saint-Louis, aconselha seus amigos, em dezembro de 1859, a ler o jornal *Le Siècle*? Ou seja, seria fácil para o leitor resgatar o clima reinante nos liceus [franceses] da época, agitados pela questão italiana, fato que teve uma influência determinante sobre o romancista? As notas têm de dar essas informações, sem desenvolvimentos exagerados, mas breves, a fim de que o leitor tenha condições de prosseguir seu diálogo com o remetente das cartas. Cabe então ao leitor, se lhe parecer útil, aprofundar aquelas informações.

Foi seguindo esses princípios que, à exceção de alguns nomes das artes e da política, todas as pessoas citadas por Zola, até as mais fugitivas (pois nenhuma pista deve ser subestimada) são objeto de nota ou de uma breve informação no final do volume, segundo a importância das relações que tiveram com o romancista.

Não há dúvida de que o estabelecimento dessas notas, e em particular as notas biográficas, não seja simples e raramente satisfaz. Como dizer, em algumas linhas, uma vida e uma obra? Dentre o vasto conjunto de livros escritos por um Halévy ou um Busnach, quais deles citar? É necessário mencionar o título de todos os jornais nos quais colaborou Lepelletier ou Rochefort? Por outro lado, quantos problemas surgem quando, ao consultar várias obras de referência, observamos divergências, algumas resultantes não só de erros de impressão!

Visto ser impossível dedicar às notas o tempo necessário que seria sempre enorme, dados os imperativos da edição (e nunca é demais insistir neste dado), elas se limitam a situar o personagem e a evocar as relações de Zola. São indicações ou sugestões de pesquisa. Devem remeter, assim como todas as outras notas, aos estudos que permitem aprofundá-las. *Essas referências bibliográficas são da maior importância.* Uma das vantagens do trabalho em equipe é a possibilidade de se fornecer, ao longo das notas, esclarecimentos diversos, conforme mencionei anteriormente, e o estágio em que se encontram as pesquisas sobre tal ou tal tema. Aliás, esse tipo de notas está longe de ser, como se critica, às vezes, um simples resumo, mais ou menos apressado, de informações contidas em obras de referência. Nossas pesquisas nos dão acesso a documentos inéditos, de primeira mão, que nos permitem corrigir a tradição. No caso da edição de Zola, temos acesso às enormes riquezas que os descendentes do escritor conservam, arquivos repletos de documentos até agora inexplorados. Darei um único exemplo sobre a importância do

trabalho relativo às notas biográficas e da maneira como o entendemos. O segundo volume da *Correspondance* dedica um breve comentário biográfico a [Léon] Hennique, fundada essencialmente na tradição e na obra de sua filha, uma vez que as pesquisas não tinham dado resultado. Owen Morgan acaba de obter informações novas e definitivas (especialmente informações biográficas, data de obras, etc...). Uma nova nota será publicada no terceiro volume, mais completa e mais precisa. Trata-se, pois, de um ponto, no qual voltarei a insistir novamente: nosso trabalho de anotação, pelo menos assim o concebo, como todo trabalho de pesquisa, é um trabalho *aberto*, passível de receber complementos, modificações, alterações, correções enquanto a pesquisa não tiver se encerrado, enquanto não for lido por leitores atentos e... cooperativos.

Incluirei nesse segundo nível de notas os resumos, as citações, as obras mencionadas nas cartas e as cartas endereçadas a Zola. É verdade que possuímos milhares de cartas escritas a Zola, algumas enviadas por personalidades, mas a maior parte remetida por desconhecidos, quando não por pessoas anônimas, em razão da questão Dreyfus, obviamente, como também quando do lançamento de um romance – *L'Assommoir* [A taberna] ou *Nana* – ou da publicação de um artigo como o de dezembro de 1878 sobre “os romancistas contemporâneos”, ou da série de artigos sobre as mulheres, publicados em 1881 no jornal *Le Figaro* e que, neste caso, lhe valeram uma farta correspondência, especialmente escrita por mulheres. Zola foi um homem público, no mesmo sentido que M. Viallaneix usou para qualificar Michelet.

Infelizmente, não foi possível publicar essas cartas como o fazem outras edições de correspondência. Tampouco as mencionamos em seu lugar cronológico. Todavia publicaremos a lista no último volume da edição. Por ora, transcrevemos, no corpo das notas, trechos das cartas às quais Zola responde ou recebe como resposta. E procuramos mencionar, na medida do possível, a existência das demais, às vezes usando, é claro, de algum artifício: assim, se possuímos a resposta enviada por Zola a algum jovem admirador, uma nota pode lembrar o número imenso de pedidos de conselho ou de apoio que ele recebeu desde cedo, e aos quais – como o provam as cartas de seus correspondentes – ele respondeu mantendo, às vezes, um diálogo regular do qual só nos restou uma voz. Tal fato nos permite registrar as cartas-fantasmas de Zola cuja existência não mencionamos sistematicamente no seu lugar cronológico, o que é realmente uma pena. Devo acrescentar que os *Cahiers Naturalistes* publicaram o conjunto das cartas enviadas por alguns dos correspondentes de Zola. Um caderno do Centro de Correspondências de Paris IV é dedicado às cartas de [Georges Charpentier] a Zola.

As cartas de Zola estão repletas de alusões a romances ou poemas que ele lera, por curiosidade ou por gosto, na juventude, ou mais tarde, como crítico, ou ainda porque lhe tinham sido enviados; encontram-se também alusões às peças a que assistira como crítico

de teatro ou amigo do autor. A maioria dessas obras caiu no esquecimento. Às vezes, identificamos, quando muito, o título. Várias, inclusive, só podem ser lidas em bibliotecas especializadas. No entanto, muitas marcaram época e tiveram grande importância para Zola: umas – *L'Amour, La Femme*, de Michelet, *Lucrezia Floriani, André*, de George Sand, por exemplo – como marcos de seu itinerário intelectual; outras, inúmeras outras, como refugos, como exemplos do que rejeitava em matéria de literatura. Em 1866, Zola batizou uma coluna do jornal *L'Événement* de “Livros para não ler”.

Devemos nos contentar em indicar o título, data e lugar da primeira representação quando se trata de peças de teatro, ou data e lugar de uma publicação? Não seria melhor dar ao leitor – que não as lerá, pois raramente poderá fazê-lo – uma ideia do que foram aquelas obras segundo as quais ou contra as quais Zola montou a sua, obras cujo interesse, num plano geral, se reconhece agora? Embora conscientes dos perigos do resumo e da citação que deformam o original, preferimos a segunda atitude.

Um resumo pode muito bem trazer à tona a razão pela qual Zola se interessou, em maio de 1860, por *Lucrezia Floriani* ou o que reprovava nesta ou naquela intriga dramática, como na peça *Lise Tavernier*, de Daudet: “*Você notou – pergunta ele em 13 de fevereiro de 1872 a Eugène Montrosier – a queda fatal dos romancistas no teatro? Fazem tudo mais sombrio, mais velho, mais amarrado que o último dos escrevedores. Isso me apavora um pouco quando penso em mim*”.

As mesmas motivações nos levam a citar trechos de artigos ou estudos aos quais Zola faz referência. Cada uma de suas obras, alguns de seus artigos – como aquele de dezembro de 1878 em que analisa os romancistas contemporâneos – causaram celeuma, quando não um verdadeiro escândalo. Os jornais tomavam partido, demoravam-se nas discussões. Em suas cartas, Zola agradece, responde, defende sucintamente sua posição, rebate os argumentos de algum crítico ou correspondente, sem todavia retomá-los de forma explícita. Ora, o leitor ter um conhecimento preciso e imediato desses argumentos para poder seguir o pensamento do escritor. Nós os citamos amplamente – citamos até outros que não foram expressamente mencionados nas cartas – como registro sobre a crítica da época, sobre a recepção da obra de Zola. O objetivo é sempre o de *ancoragem* na época.

São as mesmas razões de *eficácia* e *comodidade* que fazem com que não nos limitemos a remeter às *Oeuvres Complètes [Obras Completas]* de Zola quando ele menciona uma de suas novelas ou um de seus artigos, textos menos conhecidos e menos acessíveis do que os volumes dos Rougon-Macquart.

O terceiro e último nível de integração da carta no plano extratextual que abordarei é o de uma dupla relação:

- relação da carta com outros textos, seja de autor, amigos ou inimigos, jornalistas, escritores, historiadores de época (no caso de Zola, textos como os *Souvenirs*, de Daudet, o

*Journal* dos [Irmãos] Goncourt, a correspondência com Flaubert, Maupassant, Goncourt, Géard, Théo Hannon, etc., documentos os mais diversos, artigos de jornais, fotografias, arquivos, livros de contabilidade ou de fabricação da livraria Charpentier-Fasquelle). Esta operação visa correlacionar o que diz Zola com o que se diz e se faz na sociedade da época;

- relação da nota com outras notas, de modo a integrá-la a um conjunto.

A correspondência pode, então, ser lida como uma obra que tem sua própria coerência dentro da obra do escritor, com a qual ela mantém uma relação estreita. Ilustrarei esses princípios com dois exemplos, casos extremos que escolhi, a propósito, pela razão mencionada.

1º - Em 09 de março de 1859, Zola escreve a Baille: “Escrevo-lhe no dia seguinte à Terça-feira Gorda, ou seja morto de cansaço. [...] Não tenho nada de muito interessante a lhe contar; só encontrei lassidão onde buscava prazer. [...] Há duas noites mal dormimos, eu e Houchard; desejando ver tudo, visitamos tudo, da Ópera aos bailes populares”. Seguem informações desencantadas sobre os bailes que os infelizes frequentam buscando algum esquecimento. Essas frases nos pareceram merecer uma nota de quarenta linhas, o que se desenvolveu em vários níveis.

Num primeiro nível, bastante geral, a nota relembra a prática do Carnaval, que tendia a desaparecer, e evoca as festas tradicionais com base em documentos diversos, jornais, obras de Taine, *Vie et Opinions de Frédéric Thomas Graindorge*, ou de Denis Poulot.

O segundo nível relata um episódio do carnaval de 1859. Refere, segundo *L'illustration*, o cortejo do Boi Gordo que atraía nos dias 6, 7, e 8 de março cerca de quinhentas mil pessoas. Por quê? Porque num carro alegórico no qual se representavam todas as deusas do Olimpo “o Amor apresentava, sorrindo a Vênus, um livro de M. Michelet”. Fato bastante surpreendente que atesta a extraordinária popularidade da obra de Michelet, que Zola justamente lia naquele momento, comentava longamente a seus amigos aconselhando-os a ler. Se ressaltar esse fato é porque permite melhor inscrever Zola em sua época. É com base em pequenos fatos desse tipo que teremos a sorte de escrever sua autobiografia, e principalmente de reconsiderar, para este período específico, a imagem por demais disseminada de um jovem poeta romântico, ensimesmado, em sua mansarda.

O terceiro nível da nota relaciona essas poucas linhas de março de 1859 com outros textos nos quais Zola evoca cenas de carnaval, especialmente com os capítulos XI e XII de *La Confession de Claude*, escritos pouco depois, e que extraem sua fonte de experiências idênticas às que ele evoca em sua carta. Os temas da festa sórdida e da máscara retornam sempre nas cartas, logo, nas obras de juventude às quais remete a nota, porém sem tentar fazer uma interpretação. O objetivo é, acima de tudo, informar com todas as reservas que fiz quanto à escolha e à avaliação das informações.

*Segundo exemplo:* Flaubert quebrou a perna no final de 1879. Acidente banal, mas para nós, nota a fazer! Temos todos a tentação de fazer uma “bela nota”. Primeiro sobre o grupo dos “naturalistas”, sobre a influência e o papel essencial do “Velho”, sobre a amizade que os une. Em seguida sobre a condição do escritor na segunda metade do século XIX. Estando Flaubert há meses mergulhado em dificuldades materiais, o grupo de amigos vai tentar conseguir-lhe um posto de bibliotecário, um costume na época, por meio do qual o poder praticava o mecenato. A nota pode se inter-relacionar com inúmeras outras notas sobre o mesmo assunto, uma vez que Zola sempre se preocupou com a condição do escritor e com as relações entre literatura e dinheiro.

Enfim, lembrarei um outro problema com o qual se depara o editor de correspondência. Limitar-me-ei a mencioná-lo embora não seja o menor! Que lugar atribuir às notas, no espaço da página? Deve-se agrupá-las no final da carta? Ou dividi-las no rodapé? Ou comparativamente ao texto? É evidente que o lugar das notas em relação ao texto da carta condiciona-lhes a leitura. No entanto, qualquer que seja o lugar escolhido, a anotação não esmaga o texto, a começar pelo fato de que se distingue sempre deste por meio de uma tipografia diferente.

Para concluir, faço a pergunta: Seria a anotação um “discurso de escolta”? No sentido em que o compreendia o criador da expressão aplicando-o ao estudo dos manuais escolares<sup>8</sup>, esterilizando o sentido, canalizando os textos, parece-me que a resposta seria não. No limite, tratar-se-ia, antes, do prefácio à edição, na medida em que este diz expressamente como ler o texto, o que vamos encontrar... que não seria *um*. O papel das notas não me parece exatamente idêntico: eu preferiria chamar de “discurso de acompanhamento”, menos guerreiro. Assim, tal como a concebo, a anotação é um enorme trabalho de formiga, amiúde ingrato, quando não desesperador, nunca encerrado, sempre problemático, utópico e, para alguns, petulante em suas ambições de abarcar a totalidade ou reconstruir um objeto literário. Mas, no final, cabe ao leitor julgar, leitor que nunca é obrigado a obedecer à chamada de nota, ao chamado da nota. Apesar disso tudo e por essa razão, esse trabalho continua sendo para mim cativante e necessário.

**Tradução - Ligia Fonseca FERREIRA<sup>9</sup>**

**Recebido em 25/2/2013**

**Aprovado em 2/6/2013**

## **NOTAS**

---

<sup>1</sup> Texto indicado para tradução pelo Prof. Dr. Marcos Antonio de Moraes, coordenador do Núcleo de Estudos da Epistolografia Brasileira (IEB-USP/CNPq).

<sup>2</sup> N.T.: são aqui mantidos os grifos em itálico tal como no original.

<sup>3</sup> BARTHES, Roland. *Critique et vérité*. Paris: Seuil, 1966, p. 76.

<sup>4</sup> GUILLOU, Louis Le, “Conseils pour une édition de Correspondances”, CNRS, maio de 1979.

<sup>5</sup> N. T.: cf. *Émile Zola : Correspondance*. Tome I (1858-1867). Montréal: Presses de l'Université de Montréal; Paris: Éditions du C.N.R.S., 1978, 594 pages.

<sup>6</sup> N.T.: expressão que, em francês, remete a uma troca de favores.

<sup>7</sup> N.T.: escritor e enciclopedista, Louis Gustave Vapereau (1819-1906) é autor do *Dictionnaire universel des contemporains* e do *Dictionnaire universel des littératures*.

<sup>8</sup> N.T.: Cf. DELJURIE, Jean-François. *René à travers les manuels ou le discours d'escorte*. *Littérature*, n. 7, p. 27-47, 1972. [Agradecemos o esclarecimento da autora].

<sup>9</sup> Doutora em Letras pela Universidade de Paris 3 – Sorbonne. Docente da Área de Língua e Literatura Francesa, Departamento de Letras, UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo – Estrada do Caminho Velho, 333 - Bairro dos Pimentas – Guarulhos - CEP 07252-312 - Brasil. Membro do Núcleo de Estudos da Epistolografia Brasileira (IEB-USP/CNPq). Autora de *Primeiras Trovas Burlescas e outros poemas de Luiz Gama* (2000) e de *Com a palavra Luiz Gama. Poemas, artigos, cartas, máximas* (2011), entre outros. E-mail: [ligia.ff@uol.com.br](mailto:ligia.ff@uol.com.br).